

Collor tem urgência para formar bloco no Senado

Durante um encontro reservado em seu gabinete no Palácio do Planalto com o deputado Gastone Righi, do PTB, na segunda rodada de conversas com líderes partidários, o presidente Fernando Collor afirmou que apesar das críticas dos partidos de oposição vai insistir, depois de avaliação a ser feita sobre o novo Congresso, na formação de um bloco de sustentação na Câmara dos Deputados para "garantir estabilidade política ao programa de governo". Collor está convencido, segundo Gastone Righi, de que o registro definitivo do bloco de apoio ao Governo no Senado, formalizado na quarta-feira passada é muito mais urgente porque pelos senadores passam ainda este ano assuntos delicados, como as instruções básicas para firmar os acordos da dívida externa. "O Presidente acha mais oportuno conseguir uma maioria entre os senadores para garantir os acordos dos negociadores brasileiros que tratam do pagamento dos juros atrasados da dívida", contou Gastone.

Regimento

De acordo com o deputado paulista, que conversou com o Presidente das 8h00 às 8h40, Collor atribui o emperramento na formação de um grupo permanente de apoio na Câmara ao Regimento Interno da Casa, que retira as prerrogativas dos líderes partidários que decidirem apoiar o bloco. "Podemos até ter um bom namoro mas o que consagra mesmo é o casamento", comparou o deputado. Depois do almoço anteontem com os líderes Ricardo Fiúza, do PFL, Amaral Netto, do PDS, e Arnaldo Faria de Sá, do PRN, o ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, também reconheceu que "os termos do regimento conspiram contra a formação do bloco". Líderes como Amaral Netto estão convencidos de que a única alternativa é alterar o regimento. "Com blocos de apoio nas duas Casas o Presidente pode evitar o desgaste de ficar apagando fogos", avalia Gastone. "Na hora em que se formar o bloco na Câmara estará nascendo o governo de coalizão", opina.

Collor explicou a Gastone Righi que, devido a grande renovação na Câmara depois das eleições passadas, deseja que os líderes que o apóiam consultem antes suas ban-



Givaldo Barbosa

Righi levará à reunião do pacto proposta de política salarial

cas. "O Presidente quer conhecer o perfil dessa nova bancada", avisou Gastone, que pretende reunir a nova bancada do PTB entre os dias 5 e 6 de dezembro, na Câmara dos Deputados.

"Pela primeira vez vamos sentar à mesa das decisões pessoais do Presidente. O resto é bobagem", sentenciou Gastone. Lembrando sua dificuldade e de toda sua bancada de falar com os atuais ministros, Gastone garantiu que "o entendimento com o presidente superou os atritos passados" e lembrou que "o relacionamento dos parlamentares com os ministros não vinha sendo bom porque nosso relacionamento com o Presidente também estava desgastado". Gastone assegurou que não pediu cargos em troca do apoio do partido. "Pra que quero emprego de faxineiro se posso eu mesmo varrer a casa", brincou Gastone, numa referência à decisão do Presidente de consultar os líderes dos partidos que o apóiam antes de enviar qualquer projeto ao Congresso.

Pacto

Gastone Righi saiu da reunião comemorando um pedido atendido:

o PTB terá assento na reunião do pacto social, marcada para o próximo dia 28. O líder garantiu ter deixado o encontro convencido de que o Governo vai apresentar na reunião do pacto social uma proposta de alteração da política salarial. "O Presidente disse que a área econômica está examinando algumas novas propostas", disse. Durante a conversa com o Presidente, Gastone voltou a sugerir ao Presidente que adote sua proposta de criação de um gatilho que dispararia para todas as faixas salariais toda vez que a inflação atingisse 10%. "A única coisa que não está indexada hoje são os salários", lamentou.

Se na véspera os líderes Ricardo Fiúza, Amaral Netto, e Arnaldo Faria de Sá, ficaram apenas vinte minutos cada um com Collor, Gastone Righi teve mais sorte: como foi o único líder a confirmar sua presença ontem, acabou ficando para uma conversa de quarenta minutos no gabinete presidencial. O outro convidado, deputado Eduardo Siqueira Campos, líder do PDC, partido que apóia o Governo, trocou a audiência de ontem por viagens de campanha pelo interior de Tocantins.